



PEDRO NAVA: DE MÃOS DADAS COM A ENTREVISTA ¹

JOSÉ ANDERSON FREIRE SANDES ²

RESUMO: Este trabalho é o primeiro momento de uma pesquisa que objetiva aproximar os campos do jornalismo, memorialismo, literatura e história a partir das entrevistas concedidas pelo memorialista Pedro da Silva Nava a diversos jornais e revista do País. Partiu da premissa que Pedro Nava pouco falou de si em sua obra, mas no âmbito das entrevistas ele preencheu vários hiatos e silêncios sobre a sua personalidade e a sua escrita. Situamos a entrevista, principalmente, no âmbito da memória, tanto coletiva quanto individual.

Palavras-chaves: Jornalismo; Literatura; História; Pedro Nava

1. Nas rolanças do tempo

Pedro da Silva Nava é um dos nossos maiores memorialistas. Dos setenta aos oitenta anos de idade produziu uma obra que, para os especialistas, é uma espécie de pedra de toque do memorialismo brasileiro: “Baú de Ossos”, “Balão Cativo”, “Chão de Ferro”, “Beira-Mar”, “Galo das Trevas” e “O Círio Perfeito”. Escreveu mais de duas mil páginas sobre importantes momentos da história e da vida privada do País. Narrativa que começou no século XIX terminando, infelizmente, com a publicação de “O Círio Perfeito”. Pedro Nava não chegou a concluir “Cera das Almas”, o último livro de suas memórias. Inconclusa, a obra foi lançada pela Atelier Editorial. Ele se matou com um tiro na cabeça em 1984 próximo à sua casa, no bairro da Glória, no Rio de Janeiro. Seus livros de memória, seu grande legado, causaram fortes ressonâncias.

Nava, no entanto, pouco falou de si em sua vasta obra. Quando se colocou como personagem de suas memórias preferiu criar um alter ego – Egon Barros da Cunha. Um dado importante é que no interior de sua literatura memorialística, Nava amplia a percepção do leitor para uma realidade social violenta e com práticas de exclusão - social e étnica - ao contrário da maioria dos nossos memorialistas que usam um tom brando, nada problematizando, criando um território de afetos em torno de suas histórias.

¹ Trabalho apresentado DT8 – Estudo interdisciplinares de comunicação do XIII Congresso de ciências da comunicação

² Professor de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal do Ceará- Campus Cariri



O que observamos nas entrevistas que concedeu a jornalistas do País - selecionamos quatro para a realização desse trabalho - Pedro Nava surpreende seus leitores ao falar de particularidades de sua vida e, para os estudiosos do memorialismo, do seu processo de escrita. Ao contrário de Carlos Drummond de Andrade, Nava acolhia com generosidade a maioria dos repórteres, mesmo os que desconheciam a sua obra. Drummond, pelo contrário, irritava-se com o jornalista inculto, desconhecedor de sua obra, ou pelo menos, do livro motivador da entrevista. Mesmo assim Nava tinha seus códigos - como veremos mais à frente. Para uns mostrava-se mais revelador. Para outros dizia apenas o necessário. Nunca brigou com jornalistas, nem fez de suas declarações à imprensa um campo de batalha. Despertou, sim, sentimentos fortes. Os efeitos da passagem do tempo presentes também em suas entrevistas a jornais do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, principalmente, geram reflexões sobre o passado, algo significativo e necessário para melhor compreensão da escrita de Nava e de sua relação com a vida.

Como já frisamos, Pedro Nava nunca se negou a dar entrevistas. Nem deixou de responder a qualquer pergunta. Nelas, o autor de “Baú de Ossos” se desnuda. Falou de tudo ou quase tudo. Da Medicina (ele também era médico), dos “médicos marrons” (analogia ao jornalismo marrom), da política e dos políticos, velhice, juventude, sexo, do seu conceito de felicidade, da vida e da morte (a indesejada das gentes). Revelações que não encontramos em nenhum dos seus livros. Lembrava sempre uma frase de Machado de Assis ao explicar suas memórias: “A verossimilhança muitas vezes vale mais que a verdade”. Revelou ainda aspectos de sua família e sua vida íntima. Abriu seu apartamento para vários jornalistas. Um apartamento repleto de raridades, móveis, objetos e fotos antigas. Contou em detalhes a sua briga com parentes após a publicação de “Baú de Ossos” e não escondeu o que pensava sobre a ditadura de Getúlio Vargas e, depois, a militar. Suas entrevistas causaram espanto. Preencheram lacunas e silêncios numa rica dialética das relações humanas dentro do que a professora Cremilda Medina chamou de “o diálogo possível”. A partir das entrevistas concedidas por Nava utilizamos conceitos de diversos pesquisadores - Ecléia Bosi, Maurice Halbwachs, Cremilda Medina, Miquel Rodrigo Alsina, Paul Thompson, entre outros, que aproximam os campos do jornalismo, da literatura, da memória e da história. Nosso objetivo, nesse primeiro momento da pesquisa, é ressaltar a crescente diluição de fronteiras disciplinares



2. Entrevista: um outro lado da memória

A entrevista é uma arte, uma prática. O jornalista abre um espaço no jornal ordenado pela recriação do fato, rememorado por meio da tensão permanente que se forma entre a pergunta e a resposta. A entrevista instaura uma tensão constante, pois tenta compreender os altos e baixos, silêncios e lacunas, ao interrogar personalidades e suas experiências nos diversos campos do conhecimento. Na verdade, a entrevista guarda dentro dos conceitos do jornalismo seus códigos, máscaras e artifícios. Códigos também relacionados à memória e à história. Objetividade no jornalismo inexistente. Mas o campo não deixa de ser dos mais importantes para a compreensão de processos políticos, sociais, culturais reconstruídos através da voz de protagonistas das mais variadas ações ocorridas no passado. A objetividade adquire, assim, um caráter cultural, uma tensão permanente em direção à verdade. Para Miquel Alsina uma “relação que existe entre a experiência e a memória coletiva”. (ALSINA, 2009, p. 255)

Na condição de gênero do jornalismo, a entrevista foi classificada por diversos estudiosos da mídia. Na ordenação de Edgar Morin, nos interessa um tipo especial de entrevista – a de neoconfissão – por se concentrar da interação pesquisa-pesquisador, um campo fechado, aonde vão se concentrar forças sociais, psicológicas e afetivas. (MORIN, 1979, p. 121). A professora Cremilda Medina amplia o conceito e defende que a entrevista “quando atinge um grau maior de interação humana e, ao mesmo tempo, um grau de informações mais significativas” atende também à memória coletiva “demanda do consumidor ou exigências do público a quem se dirige o produto informativo.” (MEDINA, 2001, p.23).

Nas diversas entrevistas que concedeu, Pedro Nava assinala que fez uma espécie de prestação de contas com o seu passado ao escrever suas memórias. No espaço das entrevistas, aprofundou as críticas à sua família pelo lado materno. Nunca se calou diante das perguntas, algumas até indiscretas, sobre a sua relação familiar. Em uma delas, concedidas pelo escritor ao “O Pasquim”, ele falou abertamente das relações familiares numa Belo Horizonte dos anos 20.

Toda a família tem o seu cadáver no armário, não é isso mesmo?
O defunto tá ali, se alguém abre e tira, fede pra diabo, a polícia



intervém (...) Minha avó tinha um gênio muito ruim. Meu avô não discutia, era de uma mansidão absoluta. Não se separou dela, não brigou, nada. Arranjou um emprego longe de Juiz de Fora, como inspetor de telégrafo, e levava uma vida errante, gozando seu viver, que não era bobo. Tinha duas famílias no norte. Assim que minha avó perdeu os seus atrativos físicos, ficando apenas com o mau gênio – que sempre teve – ele deu o fora da maneira mais discreta possível. (Pasquim, 27 de agosto de 1981)

Numa outra entrevista a revista “Veja”, o memorialista conta dos aborrecimentos que teve com a família ao publicar “Baú de Ossos”.

Veja- Aborrecimentos?

Nava – Evidentemente. De todo o tipo. Familiares. Parentes que se ofendem. Descendentes de certas pessoas que eu cito. Houve até ameaças. Soube depois, que no dia do meu lançamento, eu deveria ter sido agredido por um sujeito de Juiz de Fora que eu nem sei quem é. Foi uma ameaça muito vaga.

Veja – Há razão para tanto?

Nava – Não. Em minha obra não há ofensa de espécie alguma. Faço muita caricatura, mas injúria nunca. Não tenho idéia sequer de ter sido indiscreto. Fui franco. Apenas saí do padrão usual dos memorialistas, porque não quis fazer investimentos, elogiando indiscriminadamente todo o mundo, para depois ter o título de benemerência. Eu conto o que se passou comigo. Jamais encontrei deuses pela vida afora. Só homens, que são como os descrevo: imperfeitos. (Veja, 17 de abril, de 1974)

Logo após a publicação de “Baú de Ossos”, Pedro Nava numa longa entrevista ao “Jornal do Brasil” falou pormenorizadamente sobre o seu desejo de escrever a respeito de sua família, seu clã, sua época. Para ele, a vida é um desfalque permanente. Por isso, o livro de memória, um meio de repovoar a sua vida. Entre muitos pontos, ele declarou preferir falar da gente que conheceu. Fugiu da autobiografia. Uma necessidade de encontro, reencontro, de recuperação do espaço, de tempo de ressurreição de gente – é o que sentiu Pedro Nava quando falou aos jornalistas sobre o seu “Baú de Ossos”.

Se é tarde, posso dizer que venho me preparando para isso, há tempo. Já fiz uma tentativa: um diário, que comecei no tempo da ditadura de Getúlio Vargas. Do diário, resvalei para o comentário e reminiscência. Quando veio o manifesto mineiro (1943), fiquei muito visado e ameaçado de prisão. Temendo agravar a situação,

confiei esses originais a um amigo, que propôs, mais tarde, jogá-los fora, e os jogou. A segunda tentativa apareceu em um número especial de jornal: Evocação da Rua Bahia, num aniversário do Drummond de Andrade. Daí a insistência do Otto, do Sabino, para que eu escrevesse minhas memórias. De vez em quando, republicam aquelas evocações – uma espécie de Meu Boi Morreu, que sempre tocam, e voltam a tocar no piano. Escrever memórias é como mergulhar e volta à tona – ou como estar se afogando e subir à tona tantas vezes quanto nos ajude a memória. É como ir à dispensa buscar o quilo de carne com que passo os meus bifés. Mas o mais importante, para o memorialista, é a comunicação humana, o tipo de comunicação que alcançará. Sabe que é indispensável ser lido. Ser lido é ter companhia. E neste baú também os hostis são lembranças, fazem parte desta companhia. Mas eu tenho é vontade de ser entendido por gente nova, pelos jovens de hoje, uma gente mais apta e preparada. Os jovens devem saber que para vencer só devem existir. Além de tudo, porque a vida é um desfalque permanente. (Jornal do Brasil, 4 de novembro de 1972)

Pedro Nava foi entrevistado, como já frisamos, por diferentes jornais e revistas do País. Entrevistado pelo menos duas vezes pela revista “Veja”, em suas páginas amarelas, o memorialista recorreu a uma estratégia diferente quando convidado pela turma de “O Pasquim”. O maior sucesso da imprensa alternativa dos anos de chumbo, “O Pasquim” quebrou a estrutura textual no campo das entrevistas. No “Pasquim”, Nava não é tão contido quanto o foi no espaço da “Veja”. Pelo contrário, sua fala é mais livre, solta de amarras sociais. Nos diálogos com os repórteres, ele aborda variados assuntos beirando a quase oralidade, como se estivesse conversando com amigos íntimos. “Minha avó materna fazia anotações até em livros de despesas caseiras. Escrevia os números e de vez em quando fazia uma observação, a maioria impertinente, esculhambando com os vizinhos, ou até com o meu pai. Como boa sogra, teve uma hora que escreveu sobre ele: “Cachorrão”. (O Pasquim, número 635, 27 agosto. 2/ setembro, 1981).

Comparamos já que esse não é o foco deste trabalho, dois tipos de entrevista – o da revista “Veja” e o do “Pasquim”. O objetivo foi classificar melhor o papel de cada veículo no seio do tecido social – e seu pacto com o seu horizonte de leitores - bem como buscar uma classificação mais clara para as diversas categorias de entrevistas. A entrevista das páginas amarelas da revista “Veja” segue padrões convencionais, já estabelecidos em seu manual de redação. Enquanto as realizadas pelo “Pasquim” beiram à oralidade e quebram métodos e paradigmas convencionais. Segundo Cremilda de



Araújo Medina, o mais importante são as virtudes dialógicas da entrevista. Segundo ela, no cotidiano do homem contemporâneo não há espaço para o diálogo possível. É este “diálogo possível” que os melhores entrevistadores buscam: abrir canais para uma espécie de literatura de testemunho. O entrevistador sempre procura extrair uma melhor compreensão ou interpretação do mundo.

Muitos autores do campo da mídia, como já frisamos, classificam a notícia de diversos modos. Na área dos gêneros jornalísticos, os conceitos mudam de País para País. Entendemos que o jornalismo, como área do conhecimento, se configura, enquanto objeto científico, na classificação dos gêneros jornalísticos. A ordenação importa, principalmente, por refletir os valores da profissão e seus pressupostos metodológicos. No Brasil, dois pesquisadores se concentraram de forma pioneira na teoria dos gêneros jornalísticos: Luís Beltrão e José Marques de Melo.

Acreditamos que pelo menos dois pontos se sobrepõem aos demais quando estudamos a milenar arte de fazer perguntas: entrevista cujo objetivo é a espetacularização do ser humano; e entrevistas que esboçam o intuito de compreendê-lo. Como na literatura de testemunho, na história no memorialismo ou qualquer outra forma de recuperação do passado, o jornalismo o confronta-se com a decifração do real, este tomado como categoria bem mais geral do que a notícia e seu estrito sentido técnico. Para Cremilda Medina o entrevistador enfrenta uma especulação ilimitada, um mergulho na verdade de muitas faces, contradições em que a atuação do jornalismo é sempre relativa, nunca totalmente objetiva, cientificista, como pretendem os clássicos do mito da objetividade. “Diante de uma realidade cifrada (como Freud diante dos sonhos), inicia-se um processo de decifração. Trata-se da arte de tecer o presente, e não garantia de atingir a verdade absoluta”. (MEDINA, 2001, p. 330).

Para a professora, a arte de tecer o presente não deve se ligar apenas à conferência de dados apurados junto ao entrevistado. Aliás, um critério eminentemente técnico é a aferição de dados numéricos, conceituais ou formadores de juízo de valor. Mas para quem tem consciência de “frágil decifrador do real” é necessário se cercar de toda a segurança possível diante da complexidade da entrevista – a essência do jornalismo não deixa de ser a disciplina da verificação. Na verdade o que a professora Medina coloca em jogo é o mito da objetividade. Mito presente também, guardada às devidas proporções, nos campos da história e do memorialismo. Pedro Nava, talvez, seja uma das poucas exceções com relação a essa questão, logo resolvida por ele no escopo dos seus livros. Ele sempre assinalou a necessidade de um determinado filtro.



Numa entrevista ao “Estado de S. Paulo”, Nava foi claro sobre este aspecto: “ quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já vem molhado do presente. Quando atinge o que procura não é o mesmo anzol e o que traz também vem alterado” . (O Estado de S. Paulo, 15 de fevereiro de 1981).

Tanto no memorialismo como nas entrevistas de neoconfissão, como as concedidas por Pedro Nava, deparamo-nos com uma espécie de “livro aberto”. A entrevista em profundidade é um dos mais importantes instrumentos de captação do real. Essa compreensão pressupõe, no seu aspecto de humanização, um diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado. A missão do jornalista é estimular, criar um clima autêntico, no diálogo possível, de conexão entre o entrevistado e o receptor: auxiliar a compreensão do real, mas também coloca a dose adequada de emoção, sem o qual nenhum ato de comunicação alcança seus objetivos. Como na literatura, a entrevista tem seus gêneros. Cremilda Medina enumera vários. Alguns analógicos à estrutura do romance: o pitoresco, o inusitado, a condenação, a ironia, a humanização. São todos perfis que trazem em seu bojo conflitos, conceitos, dramas humanos.

2. Lembrança dos outros

Nava ao falar de si e de suas idéias no plano da entrevista, revelou também comportamentos e a valores no espaço da comunicação coletiva. O falar sobre si, movimento de auto-compreensão, supõe a partilha da memória – “toda família tem um cadáver no armário”. Hipótese que une dois campos - o do jornalismo e o da memória. No espaço do jornal, as afirmações individuais são partilhadas coletivamente pelos leitores. A memória individual não está inteiramente fechada, isolada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Escreveu Halbwachs a respeito de uma memória social e outra individual ou de uma memória autobiográfica ou histórica:

Seria o caso, então, de distinguir duas memórias, que chamaríamos se o quisermos, de uma interior e outra exterior; ou então a uma memória pessoal, a outra memória social. Diríamos mais exatamente ainda: memória autobiográfica e memória histórica. A primeira se apoiaria na segunda, pois toda a história de nossa vida faz parte da memória em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, mais ampla que a primeira. Por outra parte, ela nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e



esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos representaria um quadro bem mais contínuo e mais denso. (HALBWACHS, 1990, p. 54)

Maurice Halbwachs diferencia, claramente, memória e história. A primeira é ordenada pelo grupo e permanece fiel a experiência vivida, enquanto a história organiza o passado por meio de quadros abstratos ordenados esquematicamente. Em “Memória Coletiva”, ele cruza em diversas passagens estes dois eixos. Uma sucessão cronológica de acontecimentos e datas não interessa, mas sim o quadro geral de determinada época. Afinal, a memória é em larga escala uma reconstrução do passado com a ajuda dos dados do presente como frisou Pedro Nava em entrevista ao “O Pasquim”. A história não é todo o passado, mas também não é tudo aquilo que resta do passado. Ou, se o quisermos, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo. Acreditamos, desse modo, que a entrevista ao investigar, interpretar e documentar cria, também, um larga ponte com a história.

No livro, “Memória e Sociedade”, Ecléa Bosi reconstrói o passado através de uma série de entrevistas com idosos paulistas, com idade superior a 70 anos. O seu trabalho é dos mais importantes, porque através da fala dos velhos, o passado de São Paulo reaparece no trabalho da lembrança. No processo de rememoração se cruzam conceitos da história, da memória, e, por que não dizer, do jornalismo. Ecléa não faz propriamente jornalismo, mas a entrevista, marca da história oral, guardadas às devidas diferenças metodológicas, também é um procedimento utilizado por historiadores e jornalistas.

No passado, a função do velho era lembrar e aconselhar. Eles eram uma espécie de guardiães da história. Atualmente, em países como o Brasil, os velhos são marginalizados por um sistema que tenta destruir os suportes materiais da memória e bloquear os caminhos da lembrança. Na introdução de “Memória e Sociedade”, Ecléa deixa claro que seu trabalho a partir de uma memória pessoal alcança uma memória social, familiar e grupal. Ecléa reflete que quase sempre essas lembranças deslocam as nossas percepções reais, das quais retemos então apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar antigas imagens. Para ela, a memória abriga o presente e o passado, mas, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1987, p. 9)



Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias o passado. Afinal, a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam a nossa consciência atual. Para Ecléa, a história que se apóia unicamente em documentos oficiais não pode dar conta das paixões individuais que se esconde por trás de cada episódio.

Já Paul Thompson defende que a história oral é uma história construída em torno das pessoas, lançando vida para dentro da própria história e alargando seu campo de ação. Outro ponto abordado pelo pesquisador é o relacionado as entrevistas como captação do real. Assim que os historiadores começam a entrevistar, vêm-se em outra dimensão. “E para ser um entrevistador bem-sucedido é necessário um novo conjunto de habilidades, entre as quais uma certa compreensão das relações humanas”. (THOMPSON, 2002, p. 29).

A literatura, por sua vez, além da carga criativa e imaginativa do autor, apóia-se nos campos da memória e da história. Além disso, apesar dos embates acadêmicos, entendemos que o perfil, a biografia, a literatura de testemunho, o memorialismo, a autobiografia, o romance-histórico, o romance-reportagem e até mesmo algumas vertentes do jornalismo são formas de narrar que retomam positivamente o discurso social da literatura.

As entrevistas concedidas por Pedro Nava mostram, além do homem e suas idéias, o seu processo de trabalho na elaboração de suas memórias. Dono de uma escrita fragmentada, Pedro Nava renovou num campo, até então, marginalizado, o memorialismo. E interpretou a história do seu País utilizando-se de muitos artifícios para escrever seus livros. Aproximou-se do leitor comum, quando resgatou lembranças há muito recolhidas no inconsciente de cada um de nós, principalmente em “Baú de Ossos”, “Balão Cativo” e “Chão de Ferro”. Nava bem sabia do papel fundamental do leitor e traçou seu horizonte de expectativas. Com o sucesso de “Baú de Ossos”, avaliou melhor a importância do leitor médio brasileiro ávido por informações sobre genealogias, curiosidades regionais e nossa formação mestiça. Pedro Nava redescortinou o passado em função do presente através da ficção, da história e da memória. Mas foi nas entrevistas, no suporte jornal\revista, que ele deixou marcas da sua vida. Foi através delas que Pedro Nava revelou-se para os seus milhares de leitores. Defendemos, assim, que o jornalismo, guardando às devidas proporções, foi uma extensão da obra do memorialista.



3. Pacto com o leitor

A entrevista, por sua vez, também faz parte de uma história de testemunho ou história oral – como frisou Paul Thompson. Seja quando aborda grandes homens, seja quando dá voz a cidadãos comuns. Nava, leitor de Proust e Freud, soube como ninguém utilizar os vários níveis da memória – tanto a documental, registrada em jornais, livros, receitas, cartórios, fotografias, cartas, etc; como a involuntária. Alguns dos mecanismos do funcionamento da memória proustiana se exercem através de dois vetores: às vezes fruto da vontade voluntária, controlada ou tutelada pela razão; outras vezes resulta da necessidade, urgência de lembrar – portanto, involuntária, força e resíduo do acaso, das sensações. Em suas entrevistas, além de revelar o seu processo de escrita, Nava, certamente, deve ter se valido dos móveis da memória, principalmente naquelas mais informais como a de “O Pasquim”.

Alberto Dines – Li, recentemente, uma resenha sobre um livro americano “Memories” que põe em dúvida o mecanismo da memorização. Conta um episódio de Levy-Strauss, que navva como quando era pequeno, ele e a babá iam pelo Champs Elysée, e ele foi seqüestrado. O autor examinou isso e viu que nunca tinha acontecido, que era uma fantasia de infância. Provavelmente, era época do seqüestro do filho do Lindebergh.

Nava – Mas isso é perfeitamente válido. O menino tem um mundo meio mágico, meio estranho. Convivemos com as histórias que nos contam, e assimilamos aquilo como verdade, dando corpo. Minha mãe mesmo dizia: Mas você não pode lembrar disso. Ouvia contar ou imaginou.

Jaguar – Como era Juiz de Fora na época de sua infância?

Nava – Aprendi as minhas as minhas letras por conta própria, e aprendi a ler com as irmãs Andrés, filhas de um velho professor de francês. As aulas eram numa sala de jantar, numa mesa compridíssima, a meninada no meio, uma Andrés numa cabeceira, outra na outra.

Jaguar – Tinha palmatória?

Nava – Tinha uma palmatória simbólica, de couro, cheia, feito uma peteca. Elas ameaçavam com essa palmatória, que ficava pendurada perto de um relógio grande.

Ziraldo – Você está afastado há 70 anos dessa imagem, mas lembra dela com uma nitidez absoluta, como se fosse anteontem?



Nava – Absoluta. Sou capaz de pôr todos os móveis daquela casa no lugar.

Ziraldo – Esse negócio de lembrar já tinha se manifestado? Você era um menino de memória boa?

Nava – Todo mundo me pergunta isso: como comecei a lembrar e a fazer memórias. Não me distinguia mais do que os outros em termos de memória. Hoje talvez sim, porque como é meu ofício fui aprimorando essa técnica. Arranco lembranças dos outros também, como uma sacarrolha, como o médico tirando algo de um paciente, ou um polícia de um interrogado. (Pasquim, 1981)

Em quase todas as entrevistas concedidas por Nava desde a publicação de “Baú de Ossos”, as questões envolvendo a memória – voluntária ou involuntária – foram por ele analisadas. Sempre citando Marcel Proust, sua maior influência, Nava explora com bastante vigor essa busca pelo passado. Um passado também repleto de livros e idéias por ele apropriadas. Numa longa entrevista que concedeu ao jornalista Lourenço Dantas Mota, Pedro Nava deu uma explicação, achamos, das mais convincentes, diante da pergunta sobre como separar a ficção da não-ficção no processo no processo da escrita, um problema que, no fundo, atinge não só o memorialista, mas também o historiador.

Evidentemente, o simples fato de grifar um personagem já significa alterar um bocadinho da essência dele. Realmente, eu não procuro fazer um relatório. Desse ponto de vista, pode-se ter a impressão de que dou mais valor ao que é, digamos, inverdade, do que à verdade. Mas não é assim. A verdade passa por um certo filtro, pois a pessoa tem que virar um personagem. A personalidade da pessoa observada, para que ela seja transformada em personagem, tem de ser um pouco falsificada. Aliás, não há reminiscência que não seja falsa. (...) Acho que falar de si é uma coisa muito desagradável, uma falta de educação. Geralmente, o sujeito que diz “eu”, “eu”, “eu” é um cacete, um chato de botas que cansa todo o mundo com a sua personalidade. A forma dada às memórias o foi exatamente pelo que você disse: eu sou o pretexto para contar aqueles fatos. Em minhas memórias sempre murcho a minha presença. Procuo não falar de mim, embora às vezes, fale, é claro. (O Estado de S. Paulo, 1981).

A professora Cremilda Medina discorre sobre uma gama de conceito sobre a entrevista - “ um mergulho na verdade de muitas faces”. São contradições, segundo ela, que relativizam a atuação do jornalismo, nunca totalmente objetiva, como pretendem os clássicos do mito da objetividade. Há que se investir, portanto, na percepção do real. ”Sem forçar com qualquer formalismo literário, é preciso ter um bom repertório de



saídas narrativas, por certo desenvolvidas pela arte, para tentar a representação possível do diálogo possível na comunicação coletiva. (MEDINA, p. 43-44).

Pedro da Silva Nava cercou-se de idéias similares ao processo da entrevista quando falou de memória. À revista “Veja”, ele abordou também a problemática da fidelidade dos fatos. “Nós levamos para o passado um lastro de presente que corresponde à nossa história. Trato de fatos que tenho a liberdade de interpretar porque fui participante deles” (Veja, 17 de abril de 1974). Miquel Rodrigo Alsina em “A Construção da Notícia” lembra que a construção social da realidade por parte da mídia é um processo de produção, circulação e, principalmente, reconhecimento.

Portanto, essa relação entre o jornalista e seus destinatários estabelece-se por um contrato pragmático fiduciário social e historicamente definido. Os jornalistas têm a incumbência de recopilar os acontecimentos e os temas importantes e dar-lhes sentido. Esse contrato baseia-se em atitudes epistêmicas coletivas, que foram se compondo através da implantação do uso social da mídia como transmissores da realidade social de importância pública. A própria mídia é a primeira que realiza uma prática contínua de auto-legitimação para reforçar esse papel social. (ALSINA, 2005, p. 47).

Contrato também referendado por Philippe Lejeune em “O Pacto Autobiográfico – de Rousseau à Internet”. Lejeune dirigiu seu olhar para os problemas do texto autobiográfico. O teórico francês preferiu localizá-los em algumas categorias numa definição mais ampla, ou seja, de uma narração retrospectiva, em prosa, que uma pessoa real faz da própria existência. Assinalou Lejeune sobre o pacto autobiográfico.

Percebe-se a semelhança entre esse pacto e o que é firmado por qualquer historiador, geógrafo ou jornalista com o seu leitor, mas é preciso ser muito ingênuo para não perceber, ao mesmo tempo, as diferenças. Não estamos falando das dificuldades práticas da prova de *verificação* no caso da autobiografia, já que o autobiógrafo nos conta justamente – e esse é o interesse de sua narrativa – o que só ele próprio pode dizer. (...) O que não é o caso das narrativas históricas ou jornalísticas. (LEJEUNE, 2008, p. 37)

Aqui se encontra o desafio, a entrevista como espaço de rememoração abriga tanto os elementos do pacto subjetivo quanto o desejo de verdade ou o contínuo exercício da verificação, próprio ao ofício do jornalismo. No jornal, a lembrança se situa também em espaço público e é apropriada coletivamente. O desejo identitário próprio



ao jogo da memória deve ser confrontado pela perspectiva crítica do jornalismo. Quanto a narrativa histórica, Marc Bloch, citado por Jaques Le Goff, não gostava da definição que enquadra a história como ciência do passado. Preferia que se definisse a história “como a ciência do homem no seu tempo”. (LE GOFF, 1997, p. 162). Definições podem ser relativizadas, mas podemos apontar aproximações entre o jornalismo e a história do presente. Ambos os campos buscam – por caminhos próprios – explicar a complexidade e atribuições do homem contemporâneo.

4. Considerações finais

Essa pesquisa inicial sobre a voz de Pedro Nava nos jornais foi uma tentativa de aproximar saberes construídos ao longo dos anos separadamente, mas que nessa quadra histórica, onde a globalização quebra tantos paradigmas, linhas de proximidades entre eles são claras. Edgar Morin assinala que o desenvolvimento disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão de trabalho, mas também “os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira”. (MORIN, 2000, p. 15). Ainda, segundo Morin, o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está escrita. “Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar” (Morim, 2000, p. 15). Utilizamos para realizar este trabalho conceitos de vários autores. Muitos deles escritos em épocas diferentes. Fizemos, no entanto, um recorte desses conceitos que interligam campos das humanidades, principalmente entre história, jornalismo e memorialismo. Todos se debruçam sobre um mesmo campo: a reconstrução do passado. Acreditamos, ainda, que do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade.

Os depoimentos de Nava sobre o seu processo de escrita revelam um escritor preocupado com o seu leitor. Ele cercou-se de todo um aparato para a realização de suas memórias: fichas, entrevistas, questionários, plantas de casas, mapas de cidades, obras de arte, caricaturas, livros, enfim, de qualquer tipo de informação que melhorasse seu texto e situasse melhor a sua história. Geralmente, ele recolhia depoimentos dos seus companheiros de geração em um complexo exercício de verificação dos fatos. Era



também minucioso na sua escrita. Listava sinônimos de uma mesma palavra com o objetivo de não cansar o seu leitor e dar mais dinâmica e beleza ao texto.

Nava, em seu complexo processo de escrita, anotou tudo aquilo que viu ou ouviu, tudo o que seus ancestrais viram ou lhe contaram, tudo que sonhou e desejou quando projetou futuros ou investigou passados. Como disse em mais de uma entrevista: o importante foi o sentimento de reforma que deveria acompanhar o homem pela vida inteira, desde a mocidade à velhice. Por isso, a obra de Pedro Nava é considerada original e, para alguns estudiosos transcende o gênero memória, para invadir a crônica de costumes, a história das cidades e das gerações que nelas viveram. O que ele fez sem meias palavras. Ele abandonou a zona de conforto, lugar preferido da maioria dos memorialistas, para escrever sua “catedral”. Como afirmou algumas vezes em suas diversas entrevistas o memorialista é uma forma anfíbia de historiador e ficcionista e ora tem de palmilhar as securas desérticas da verdade, ora nadar na possibilidade oceânica de sua interpretação.

Dessa rebeldia, nasceram as suas memórias que devassaram a história social e cultural do Brasil do final do século XIX até os anos 40 do século passado. Um vasto painel de indivíduos, famílias, cidades e instituições. Nunca buscou um projeto narcisista para elaborar as suas memórias. Pelo contrário. Pouco falou de si. Com seus seis volumes de memórias, Nava projetou-se em várias direções: literatura, história, sociologia, arquitetura, antropologia. No entanto, foi o suporte da entrevista jornalística que revelaram o homem e o escritor Pedro Nava – traços de sua personalidade, comportamentos, juízos de valor e seu processo criador. Entrevistas que, também, se cruzam com a memória e resguardam a história do presente. A entrevista, como um dos gêneros do jornalismo, vai em busca de personagens que centralizam as alegrias, dúvidas, dramas, certezas e incertezas de uma comunidade. Nas entrevistas concedidas por Pedro Nava estão contidas suas angústias, desejos, esperanças ou desesperanças. Ou melhor: retalhos da memória.

Silviano Santiago lembra que, Mário de Andrade, quando lançou “Macunaíma” não conseguiu repercussão entre os leitores. Não se sabe, assim, o impacto que o livro provocou. As cartas de Mário aos modernistas não servem para um estudo da recepção da obra, mas sim para a construção da gênese do livro. Apenas um item, segundo Santiago, pode ser levando em consideração com maior consistência: os artigos publicados pela imprensa. A voz de Nava, no suporte do jornal, certamente, ajuda o



leitor através de um novo texto (a entrevista) a penetrar nos segredos da sua obra, além de mostrar as idéias do maior memorialista do país.

5. Referências bibliográficas

- ALTMAN, Fábio (organizador). **A Arte da Entrevista**. Uma antologia de 1823 anos nossos dias. São Paulo: Scrita, 1996
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A Construção da Notícia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. São Paulo: Edusp, 1987
- _____. **O Tempo Vivo da Memória**. Ensaios da Psicologia Social. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990
- LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico – De Rousseau à Internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008
- LE GOFF, Jaques. **Enciclopédia Einaudi – Memória e História – Vol. 1**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional-Casa da Moeta, 1997
- MEDINA, Cremilda de Araújo. **A arte de Tecer o Presente**. São Paulo: Summus Editorial, 2003
- _____. **Entrevista – O Diálogo Possível**. São Paulo: Ática, 20
- MORIN, Edgar. **Linguagem da Cultura de Massa**, Petrópolis, 1973
- A Cabeça Bem-Feita. Repensar a reformar. Reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. *Memória*, v. 1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983
- _____. **Balão Cativo**. *Memória*, v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973
- _____. **Chão de Ferro**. *Memórias*, v. 3. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001
- _____. **Beira-Mar**. *Memórias*, v. 4. São Paulo. Ateliê Editorial, 2003
- _____. **Galo das Trevas**. *Memórias*, v. 5. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981
- _____. **O Círio Perfeito**. *Memórias*, v. 6. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983
- SANTIAGO, Silviano. **Nas Malhas da Letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002



THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado – História Oral**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002

Entrevistas a jornais e revistas

ARAÚJO, Olívio Tavares. A busca de si mesmo. In: **Veja**, São Paulo, 17 de abril de 1974. Páginas 3, 4 e 6

DINES, Alberto, Jaguar, Zivaldo. Pedro Nava. In: **Pasquim**. Rio de Janeiro, ano XII, número 635, 27 agosto.2/setembro, 1981.

GORGA, Remy. Nava, Um baú de lembranças. In: **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1972.

MOTA, Lourenço Dantas. Quando vamos pescar uma coisa nesse oceano sem fundo que é a memória, o anzol já volta molhado do presente. In: **O Estado de S. Paulo**. Suplemento Cultural, São Paulo, 15 de fevereiro de 1981.